

Análise da escolha profissional: orientação ou libertação?

Professional choice analysis: orientation or liberation?

DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/ek.2014.14076>

Prof^a. Dr^a. Ana Maria L. C. de Feijoo ana.maria.feijoo@gmail.com
UERJ / IFEN

Dra. Myriam M. Protasio myprotasio@yahoo.com.br
IFEN

Ms. Vanessa C. Magnan vanessa.maganan@yahoo.com.br
IFEN

Neste trabalho pretendemos apresentar elementos que diferenciem a orientação vocacional, conforme é tradicionalmente conhecida, do modo de atuação do analista existencial frente à escolha profissional. Designamos este modo de atuar de Análise da Escolha Profissional (AEP), num diálogo afinado com os filósofos da existência Kierkegaard e Heidegger. Tomaremos, inicialmente, alguns textos do filósofo Sören Kierkegaard – *Rotação dos cultivos*, *O estético e o ético na formação da personalidade* e *A repetição* – onde são apresentadas algumas possibilidades de orientação, sempre fundadas na figura de um conselheiro. Em seguida acompanharemos o desenvolvimento da trama apresentada pelo poeta alemão Rainer Maria Rilke no livro *Cartas a um Jovem Poeta*, aonde vai sendo descrita uma situação em que alguém, em dúvida sobre que carreira seguir, recebe orientações do poeta autor do texto. Assim, buscaremos esclarecer a proposta aqui defendida, de uma Análise da Escolha Profissional de inspiração fenomenológico-existencial.

PALAVRAS-CHAVE orientação. análise. escolha profissional. libertação

This paper aims to introduce elements that differentiate the traditional vocational guidance from the existential analyst's approach to career choice. This approach was named 'Professional Choice Analysis' (PCA), turned into a dialogue with the existential philosophers Kierkegaard and Heidegger. For this, we will use the philosopher Soren Kierkegaard's texts *Rotation of crops*, *Equilibrium Between the Aesthetic and the Ethical in the Composition of Personality* and *Repetition*, where opportunities for guidance are presented, and a counselor is always present. Then we will follow the development of the plot presented by the German poet, Rainer Maria Rilke, in his book *Letters to a Young Poet*, where a situation emerges, when someone is in doubt about which career to pursue and receives guidance from the poet and author of the text. Thus, we will seek to clarify our proposition: a Professional Choice Analysis from an existential-phenomenological inspiration.

KEYWORDS guidance. analysis. career choice. freedom.

* Este artigo é fruto de um projeto de extensão desenvolvido no DEPEXT/UERJ no período de 2010 a 2014, denominado Análise da Escolha Profissional/IP.

Introdução

Aquele que se encontra em dúvidas acerca de que profissão seguir, muitas vezes, recebe a sugestão de procurar um profissional que, segundo se acredita, poderá encaminhá-lo de forma correta e inequívoca à sua decisão. O pressuposto que funda essa crença é o de que existem certezas, e que estas podem nos ser oferecidas pelos conhecedores das verdades – os especialistas. A “orientação vocacional” é uma atividade exercida por um especialista, psicólogo ou pedagogo e consiste na orientação rumo à descoberta da melhor escolha profissional. A melhor, segundo as referências de sucesso e satisfação daquele que se encontra indeciso ou que pretende fazer uma escolha certa de que jamais irá se arrepender. Tradicionalmente, a tarefa implica em que aquele que orienta, ou seja, o especialista conheça os atributos necessários para o desempenho de certa atividade profissional e, fazendo uso de toda a sua capacidade, desvende os interesses, vocações e aptidões que se encontram na interioridade psíquica do orientando. Assim, buscando os elementos correspondentes entre as características necessárias para exercer determinadas profissões e as características do orientando, o orientador pode apontar caminhos, ajudando aquele que se encontra indefinido a decidir-se.

Essa atmosfera de crença na certeza, na verdade e no método é própria do horizonte histórico em que nos encontramos. Filósofos da existência, tais como Kierkegaard e Heidegger, e escritores como Rilke, Machado de Assis e Rubem Alves, entre outros, sempre colocaram em questão tais certezas, verdades e caminhos metodológicos que conduzem à verdade. Eles não só questionaram como também apontaram para os perigos que acometem não só o aconselhado, mas também o aconselhador ou conselheiro, quando este diz ao outro o que ele deve fazer para obter os resultados desejados. A questão que se impõe é: como poderia se dar uma atividade de orientação profissional que não tenha por objetivo ditar caminhos, não pressuponha uma interioridade e nem acredite em verdades e certezas aprioristicamente dadas?

Neste texto pretendemos buscar elementos para responder a estas questões, tomando como base a perspectiva fenomenológico-existencial em psicologia, de forma a oferecer uma alternativa à vertente tradicional da orientação vocacional. A proposta consiste em pensarmos outro modo de considerar a situação de indecisão frente à escolha profissional e, com base na perspectiva fenomenológico-existencial, desvendar os caminhos possíveis para a tarefa que denominaremos a partir de agora de “Análise da Escolha Profissional”. O método que nos irá orientar é o Fenomenológico, o qual nos indica que o caminho a seguir deve ser dado pela própria mobilidade estrutural do fenômeno que, neste caso, é a escolha profissional. A questão que se apresenta ao analista, e que funda a

busca de orientação é, como vimos, à dúvida ou a busca da certeza. Seguir a mobilidade deste fenômeno significa deixar que ele se apresente por si mesmo em lugar de tentar acessá-lo a partir de pressuposições teóricas sobre o que é duvidar e sobre como se estrutura o psiquismo daquele que duvida. Primeiramente devemos desconsiderar qualquer posicionamento teórico e determinações do fenômeno para que a atitude fenomenológica se dê.

Outra determinação básica para uma psicologia existencial consiste em tomar o modo de ser e comportar-se do homem como fundado em seu caráter de indeterminação e poder-ser, ou seja, seu modo de ser se encontra sempre em jogo no seu existir. Sendo a existência marcada pela indeterminação, não é possível prescrever ou determinar o melhor caminho a seguir. Ao mesmo tempo, a existência é, também, marcada pelo seu caráter singular e, como tal, cabendo a cada um assumir a tarefa pelo si mesmo que ele mesmo é, ou seja, cabe a cada um a tutela por seu existir e, conseqüentemente, por suas decisões. Dessa forma, assumir uma posição fenomenológico-existencial em um processo de análise da escolha profissional implica em abandonar os postulados do modo de pensar científico, os quais consideram que por trás da escolha existem mecanismos, sejam eles da ordem do transcendente, do biológico ou do psíquico, que determinam, conscientemente ou inconscientemente, as escolhas, sejam elas profissionais, afetivas ou volitivas. Não havendo qualquer determinação *à priori*, as decisões encontram-se fundadas na indeterminação originária, ou seja, na liberdade.

Nessa perspectiva, a AEP consiste, primeiramente, em que se assuma uma postura fenomenológica, a qual implica em não se partir, frente à dúvida, de nenhum posicionamento teórico acerca da indecisão, e em se deixar que aquele que se encontra indeciso, mostre-se nas próprias determinações daquilo que duvida. Tal posicionamento precisa acontecer sem que deixemos de considerar o horizonte histórico em que nos encontramos, o qual tende a interpretar que não ter respostas, errar e equivocar-se se constitui em um desvio que reside no interior da subjetividade. Tal compreensão está na base da necessidade de que se vá à busca daquele especialista que é capaz de acertar o caminho daquele que se encontra indeciso. Dessa forma, consideramos que a dúvida só se torna um problema em meio à exigência de optar sempre acertadamente, o que constitui uma determinação essencial do nosso tempo. Cabe então a questão: O que é escolha ou liberdade de escolha para a psicologia da existência?

Os fundamentos da “Análise da Escolha Profissional”

Medianamente, a liberdade é pensada como implicada com um isso ou aquilo, que considera as oportunidades oferecidas na vida. A liberdade de escolha, porém, quando tomada a partir das filosofias da existência, implica em que se parta do fundamento de que não há nada, aprioristicamente, que determine o homem. O homem se constitui, portanto, em abertura às suas possibilidades. Dessa forma, rompe-se com a posição epistemológica de uma cisão homem e mundo. Para escapar da concepção de homem como uma substância encapsulada e oposta ao mundo, tal como proposta pelas filosofias da subjetividade, utiliza-se a denominação (tomada de Heidegger), de ser-aí ou *Dasein*, a qual caracteriza a unidade homem-mundo. Nesse *aí* reside o caráter de abertura frente às possibilidades que se apresentam, de forma que o ser-aí está sempre imerso em possibilidades. *Ser-aí* está sempre lançado à tensão de possibilidades, em meio às quais ele pode acabar por perder de vista o seu caráter mais originário, o de poder-ser, existindo sob o domínio pasteurizado do impessoal; ao mesmo tempo, *ser-aí* também aponta como possível a reconquista de suas possibilidades (FEIJOO, 2011).

Desta forma a indecisão, na perspectiva da existência, não implica em uma falha na expressão de cada uma dessas determinações: divinas, orgânicas ou psíquicas. A indecisão é a condição do homem como abertura frente às possibilidades que lhe são dadas. Logo, se não há nada que determine o homem *à priori*, como este se singulariza e o que o caracteriza como próprio? É, justamente, nesse caráter de abertura que o homem constitui-se, e sempre nesse jogo do próprio e do impróprio, ou seja, frente às possibilidades que o mundo desde sempre é o homem toma para si algumas possibilidades e abandona outras. É, justamente, aquilo que ele elege, ou seja, aquilo que ele é na concretude de sua existência, que constitui, a cada momento, o que lhe é próprio; mas, como abertura, a todo o momento novas possibilidades se lhe apresentam, colocando-o na situação de impermanência, movimento e inconstância. Dada essa condição de indeterminação prévia e de abertura próprias ao existir, não cabe falar em potencial, vocação ou aptidão, tal como ocorre em outras propostas, mas sim em possibilidades. O caráter próprio e singular se constitui, portanto, concretamente no processo de existir e a partir dessa ou daquela possibilidade.

Frente ao que foi exposto, ao analista profissional não cabe orientar, no sentido de indicar caminhos que conduzam a certezas não se tratando, portanto, de uma tarefa de orientação. Uma vez que verdade consiste em desvelamento de possibilidades frente à imprevisibilidade da existência, não há como prever ou

garantir as melhores escolhas e, muito menos, que estas escolhas possam ser orientadas por outro. Escolher, portanto, implica sempre em risco. Não cabe, também, buscar vocações, aptidões, interesses enfim, faculdades em uma interioridade psíquica, uma vez que qualquer perspectiva que se pretenda fenomenológica parte do princípio de que não há interioridade psíquica, pois o psíquico se constitui sempre em ato, em seu caráter de indeterminação e negatividade. Concluímos, então, que não cabe na perspectiva considerada nesse trabalho, denominar a atividade em questão da forma comumente designada, qual seja, “Orientação Profissional”, e optamos assim pela denominação de “Análítica da Escolha Profissional”.

Análise diz respeito ao fato de que a atividade de analisar consiste em levar aquele que se encontra indeciso, ou busca certezas, a destecer as verdades estabelecidas pelo mundo, as quais afirmam e confirmam que há garantias e certezas para se atingir o caminho do sucesso, da felicidade e da realização definitiva. Espera-se que, ao destecer essa trama, aquele que buscava tais certezas possa se entregar à existência, sem mais se debater contra ela, reconhecendo que nela há sempre o lugar do imprevisto e do mistério. Desse modo, referimo-nos a escolhas como situações em que sempre nos encontramos em cada momento e nas quais temos que decidir o que, no nosso contexto de definição profissional, implica na decisão pela profissão.

Em um processo de analítica da escolha da atividade profissional, portanto, vamos analisar o modo como aquele existente singular, que busca a companhia do psicólogo em sua decisão, lida com a sua liberdade de escolha frente às possibilidades que se lhe apresentam – no caso, o mundo do trabalho. Busca-se compreender o modo como ele existe frente ao poder escolher em suas implicações de indecisão, angústia, decisão, responsabilidade, assunção dos riscos, apropriação de sua escolha, etc. Assim sendo, na analítica da escolha profissional não há mais lugar para o profissional-especialista que, dominando os pressupostos teóricos que norteiam sua prática, orienta o outro no sentido do melhor caminho a seguir. Não há como garantir, dar certezas, promover escolhas seguras, êxito e sucesso, aos quais esse profissional acede a partir de suas técnicas, na medida em que desvela o potencial escondido e a verdade que se encontrava por trás do que se apresenta. O caminho que deve seguir o analista da escolha profissional é aquele proposto pela fenomenologia, que consiste em ir ao fenômeno em sua dinâmica de realização.

Consideramos que no processo da orientação vocacional tradicional aquele que orienta toma como ponto de partida os critérios sedimentados pelo impes-

soal, o mundo circundante, exercendo prioritariamente uma atividade de tutela. Atua, assim, na preocupação que Heidegger (1927/2008) denomina de substitutiva, ao retirar do outro o caráter de tutela de si mesmo que, afinal, lhe pertence. Aquele que orienta, neste modo de preocupação, acaba assumindo a tarefa que precisa ser objeto de preocupação daquele que faz a escolha. E é justamente assim, ao modo da preocupação substitutiva, que o mundo exerce o domínio sobre as escolhas, desonerando o homem da dor da decisão, tutelando-o, substituindo-lhe em sua decisão, em virtude apenas do sentido dado pelo mundo ao trabalho e à empregabilidade. Assim, o desorientado, aquele que veio em busca de orientação, encontra no outro as referências e os critérios pelos quais deve se decidir. É este outro que, reproduzindo a voz do mundo, estabelece as regras que definem os fundamentos a partir dos quais o orientando deve construir o seu projeto existencial. Desta forma aquele que busca orientação, o orientando, pode acabar por se tornar dominado ou dependente.

Encontramos em Heidegger (1927/2008) outra forma de preocupação, denominada por ele de antepositiva ou libertadora. Nesse modo de preocupação aquele que orienta se retrai, para que o outro, o orientando, tenha a possibilidade de assumir a sua escolha. O analista, ao tomar a posição antepositiva com o outro, dá um passo atrás. Ao analista da escolha profissional, nessa posição libertadora, cabe não ditar caminhos a seguir, mas aguardar que aquela pessoa, em sua singularidade, possa se abrir para outros sentidos, que, muitas vezes, permaneceram esquecidos ou encobertos pelas orientações sedimentadas de seu mundo, tais como a expectativa de crescimento, de progresso, enfim, de submissão à lógica do mercado. Criar um espaço de libertação ou ampliação de possibilidades daquele que busca esclarecimentos em sua escolha profissional implica em desfazer as determinações hegemônicas do nosso horizonte histórico, de modo a que se possa não embarcar cegamente nos nós das ideias preconcebidas de sucesso e controle. Implica, também, poder aguardar o abrir de outras possibilidades e da conseqüente liberdade de escolha entre as atividades humanas que podem ser exercidas/escolhidas. Libertar, portanto, implica em cuidar para que a escolha possa acontecer não somente sob a tutela do mundo abrindo, assim, a possibilidade de criação ou de imersão em outras escolhas possíveis.

Nessa perspectiva de AEP e tentando desfazer o ideal de controle tão valorizado pela técnica psicológica, é colocado em discussão que em toda e qualquer escolha há o risco do arrependimento e que, enquanto há vida, há a possibilidade de se mudar a trajetória anteriormente escolhida. Com o intuito de pensarmos de forma mais concreta a situação de orientação, considerando as suas respectivas conseqüências, trataremos a seguir algumas situações retratadas

pelos escritos de Kierkegaard e de Rilke a esse respeito. Esperamos, com isso, exemplificar o modo como uma orientação pode acontecer de forma libertadora, ou seja, deixando que o outro decida por si mesmo, sabendo que qualquer que seja a decisão que ele vá tomar sempre estará presente o risco de ter do que se arrepender.

Considerações kierkegaardianas sobre relações de orientação e tutela

Buscaremos três textos de Kierkegaard, nos quais o problema do aconselhamento aparece de forma clara. Queremos recolher, de suas reflexões, elementos para pensarmos a relação estabelecida em um ambiente de Análise da Escolha Profissional. Os três textos que escolhemos fazem parte da grande obra pseudonímica deste autor e são eles *Rotação dos cultivos*, *O estético e o ético na formação da personalidade* e *A repetição*. Nesses três textos é possível encontrar modos diferentes de considerar a situação de aconselhamento/orientação, tema do qual se quer tratar aqui.

É importante frisar que Kierkegaard usou, para se comunicar com seus leitores, um método indireto, que consistia em uma pluralidade de textos e temas sem nenhuma pretensão de sistematização. Cada texto queria encontrar o seu leitor. Sua metodologia de comunicação indireta, ou seja, cada texto teria como tarefa espelhar o leitor de forma a que este pudesse não apenas ver o texto, mas ver a si mesmo no texto lido e, assim, julgar por si mesmo o que estava ali acontecendo e, principalmente, julgar a si mesmo. Dessa forma, pensamos que as situações colocadas em questão em cada um dos textos aqui escolhidos funcionem como possibilidade para que o pretenso analista possa, por um lado, se espelhar no posicionamento adotado pelo conselheiro do texto, julgando seu próprio modo de orientar. Mas, também, que ele possa, na medida em que acompanha as possibilidades que se abrem na existência do aconselhado e a partir do posicionamento adotado pelo conselheiro no texto, aprender acerca da situação mesma de orientação.

No primeiro texto, *Rotação dos cultivos* (KIERKEGAARD, 1843/2006), o autor (sob o pseudônimo “A”) usa como referência para seus conselhos algo que podemos denominar, plagiando Schopenhauer (1851/1953), de “Sabedoria na vida”. “A”, utilizando-se do método da ironia, sugere que na vida as decisões e os compromissos devem ser assumidos de tal forma que não haja qualquer

impedimento para que, logo que a situação se apresente insatisfatória, novas experiências sejam feitas. Desta forma, o conselheiro acredita que é possível assegurar uma vida pautada no sentido do estético e do imediato. Tomando como inspiração a lógica do homem do campo ele prescreve que é importante, para aquele que quer vir a ter uma vida plena ou feliz, o uso do método da rotação dos cultivos. Este método tem duas possibilidades: a pessoa ir mudando de “terreno”, ou seja, ir trocando de lugar e, desta forma, ir iniciando sempre algo novo sempre que a situação não se mostre a contento. A outra possibilidade é ir mudando o modo de cultivo, ou seja, ficando no mesmo lugar, mas controlando o modo como se envolve nas situações, de modo a impor outros modos logo que a situação aponte para um compromisso que ocasionaria o enfado da repetição ou trouxesse risco de conflito. O modo irônico de articulação do autor aponta para a atmosfera de certeza que envolve o aconselhamento, o conselheiro figurando como detentor da fórmula garantidora de bem-estar na vida, pautada no sentido comum da sabedoria na vida.

No segundo texto, *O estético e o ético na formação da personalidade* (KIERKEGAARD, 1843/2007), novamente se desenha uma situação de aconselhamento. O conselheiro Juiz Wilhelm é ao que tudo indica, um homem mais velho, casado, e quer transmitir ao jovem amigo algumas orientações sobre o modo como ele deve se guiar em sua existência. Vendo o jovem completamente avesso aos compromissos, o Juiz, espelhando-se em si mesmo e entendendo seu modo de viver como parâmetro de satisfação existencial, sugere ao jovem que ele se case, comprometa-se com um trabalho, enfim, tenha uma vida conformada socialmente, aceitando um modo ético de existir.

O conselheiro assume, nessa tarefa, um tom professoral, parecido com o adotado no texto *Rotação dos cultivos*, defendendo que a vida tem beleza e traz felicidade quando se tem coragem de assumir compromissos regulares de longa duração no tempo. Mas, ao contrário dos conselhos dados no texto *Rotação dos cultivos*, que buscava evitar decisões duradoras, os conselhos do Juiz apontam na direção da decisão e do comprometimento, cujo fundamento é a coragem por decidir-se e por vincular-se às instituições sociais, estabelecendo para si situações que durem no tempo. O Juiz vai proclamando o valor da coragem de decidir-se, pois é a decisão que confere ao homem uma serena dignidade que jamais se perde completamente.

No texto das rotações, que utilizou como parâmetro os lemas da sabedoria na vida, o comprometer-se socialmente apareceu como, inevitavelmente, levando ao tédio e à dúvida, ao impor uma regularidade na vida. No texto *O*

estético e o ético na formação da personalidade o Juiz, que toma como parâmetro para aconselhar o outro o seu modo “adequado” de viver, o que surge é a possibilidade de ganhar a si mesmo em meio à regularidade de uma vida regida pelo compromisso com as regras. É, conforme a promessa do Juiz, no interior da experiência ética que advém o prazer, na medida em que se descobre o universal da vida. Tal qual o jovem do texto *Rotação...*, o Juiz quer desenvolver o método da vida satisfeita consigo mesma, pautada, em seu caso, na submissão à funcionalidade e à utilidade.

Tomaremos um terceiro texto kierkegaardiano, intitulado *A Repetição* (KIERKEGAARD, 1843/2009), no qual estes temas retornam considerados, agora, a partir do drama vivido por duas personagens: um velho conselheiro, movido pela curiosidade e pela vontade de tirar um amigo do sofrimento, e o jovem amigo que, apaixonado, está à procura de conselhos que o ajudem a agir em conformidade consigo mesmo e com um compromisso assumido. O drama vivido pelo jovem é que ele, que gostaria de ser escritor, prometeu casamento a uma jovem, e agora não sabe o que fazer. Estar apaixonado pela jovem transformou sua forma de escrever. Apesar de amar a jovem ele teme que, ao casar-se, a vida regrada do casamento o levará a perder o brilho poético conquistado pelo estado de paixão, o qual tem tornado seus textos brilhantes. Por outro lado, caso não cumpra com o compromisso assumido, sua vida corre o risco de perder o sentido, uma vez que terá que seguir arrependido por ter provocado sofrimento à noiva, a quem ama.

É nesse dilema que o jovem procura o amigo, com quem se sente à vontade para desabafar seu sofrimento. O amigo mobiliza-se, entendendo a aproximação do jovem como um apelo para que faça algo por ele, para que o ajude a sair do impasse. A saída que o conselheiro imagina se dá mediante a articulação de estratégias que levariam a jovem a romper o compromisso com o rapaz, o que o deixaria livre para a criação poética. Tal propósito parece fazer muito sentido para o amigo-conselheiro, que vai articulando as coisas de tal forma que a própria moça venha a solicitar o rompimento do compromisso.

O conselheiro, que já vivera no passado uma situação semelhante, e considerando como sendo a coisa certa a fazer, vai tomando todas as providências necessárias e orientando o jovem no modo como ele deve proceder para que o compromisso seja desfeito sem que ele tenha que, diretamente, assumir essa tarefa. Quando tudo está pronto, e o jovem deve começar a fazer sua parte na trama, algo misterioso acontece: o jovem desaparece, deixando o velho amigo atônito, bastante decepcionado e até zangado, pois sente que perdeu seu tempo

tentando ajudar o jovem amigo. Para o conselheiro era muito difícil entender que o jovem tenha abandonado um caminho seguro, garantido a partir da experiência vivida anteriormente pelo conselheiro.

O jovem só retoma o contato com o amigo conselheiro um tempo depois, e apenas por carta. Em suas cartas o rapaz esclarece que se afastara porque não podia seguir os conselhos do amigo, capaz de tentar uma pessoa a fazer coisas que essa pessoa jamais se arrojará a fazer. Ele diz: “Você, bastando que fite uma pessoa, tem um poder demoníaco capaz de tenta-la a querer arrojá-la a tudo, a querer ter forças que noutras circunstâncias não teria, que noutras circunstâncias não desejaria ter, capaz de tenta-la a parecer querer o que não é” (KIERKEGAARD, 1843/2009, p. 94). E: “Não! Não! Não! não podia, não posso, não quero, não quero fazê-lo, nem por tudo neste mundo” (KIERKEGAARD, 2009, p. 98).

O jovem relata, então, seu percurso. Perdido de si mesmo, sem saber que direção tomar e certo de que não poderia seguir os conselhos do amigo, ele entrou em contato com o texto bíblico e Jó. A partir do drama vivido pela personagem bíblica o jovem vai entendendo a relação entre conquistar as condições desejadas para a sua vida e a impossibilidade de impor, ele mesmo, estas condições. Ao perceber que foi só na medida em que Jó desistiu de impor as condições para sua vida, em que se entregou e sacrificou tudo, que ele conseguiu reaver a si mesmo e à sua vida, o jovem começou a pensar em si mesmo e em seu próprio movimento de tentar impor as condições, ou seja, de decidir-se por não casar-se tendo como fundamento a certeza de que isso o levaria ao sucesso como escritor. Vendo equívoco nesta sua decisão, o jovem resolve voltar à cidade e cumprir com o prometido, casando-se com a jovem. No entanto, ironicamente, é tarde demais, pois ao retornar descobre que a jovem está comprometida com outro rapaz. Neste momento o jovem, da mesma forma que acontecera com Jó, recebe mais uma vez a possibilidade de se firmar como escritor sem o compromisso com o casamento.

Consideramos que o que há de comum entre os três conselheiros aqui considerados é que cada um deles se posicionou como se fosse conhecedor da fórmula que pode levar alguém a encontrar a felicidade na vida. O primeiro usou como parâmetro a estratégia da rotação dos cultivos, que funcionou como uma “sabedoria na vida” pautada na crença de que é possível estabelecer, previa-

mente, as condições do existir descompromissado, o que garantiria a felicidade eterna. O segundo, sentindo-se seguro a partir de uma vida regrada, entendeu que a vida conformada e compromissada com as regras sociais pode, também, garantir a beleza e a alegria no viver. Nestes dois primeiros casos os conselheiros fundaram seus conselhos numa compreensão universal do que seria uma boa vida. No terceiro texto, onde se desenha a relação entre um amigo mais velho e um jovem melancólico, o conselheiro tenta aconselhar o amigo, tendo como pressuposto a sua própria experiência de vida, a qual ele busca por meio da recordação de momentos vividos anteriormente. Ele acredita que sua experiência pode servir de parâmetro para orientar o jovem em sua vida, ou seja, que a vida do jovem, que a vida em geral, é mera repetição da sua vida singular.

O jovem precisou encontrar a medida de sua própria existência, em meio às medidas oferecidas pelo amigo. Para isso foi preciso coragem. Primeiramente, para que ele se afastasse do amigo. Mas, também, coragem para que se arriscasse a sair do seu apego à vida poético-criativa e do desejo de perpetuar essa vida. Fazendo isso ele pode dar um passo no sentido de buscar uma relação séria com o real, que é a vida mesma. Buscar uma relação séria com o real implicou poder seguir as orientações da própria situação que, no caso dele, lhe exigia cumprir o compromisso assumido e não se deixar guiar pela trama desenhada pelo amigo. É somente nesse momento que ele descobre o que deve fazer e é, neste mesmo momento, que ele encontra uma justificativa eterna para a *sua* existência, ou seja, encontra a decisão que o reconcilia consigo mesmo.

A escolha em liberdade

Com o intuito de ampliarmos a nossa compreensão sobre o modo de atuação do analista frente à escolha profissional, dialogaremos com a obra *Cartas a um Jovem Poeta*, do poeta alemão Rainer Maria Rilke. Acreditamos que, assim, nos aproximaremos, cada vez mais, do processo de AEP tal qual estamos desenvolvendo aqui, cuja fundamentação consiste em um diálogo afinado com os filósofos da existência. A decisão por ilustrarmos nosso texto com as cartas de Rilke, mesmo sabendo que este poeta por vezes ainda se mantém afinado à ideia de uma interioridade, tipicamente romântica, deve-se ao fato de acreditarmos que, por meio de sua conduta, o poeta alemão se aproxima de um conselheiro que devolve ao outro a oportunidade de escolher por si mesmo, libertando-o para si mesmo e devolvendo-lhe tutela por suas próprias decisões e/ou escolha.

Publicada em 1929, a obra apresenta 10 cartas do poeta alemão, endereçadas ao jovem poeta Franz Xavier Kappus e escritas no período entre 1903 a

1908. Kappus encontrava-se indeciso quanto à carreira a escolher e duvidava se deveria optar pela carreira literária ou militar. Pede, então, auxílio à Rilke. Em seu pedido de auxílio desejava uma resposta assegurada, na qual pudesse pautar o seu existir. Buscava a “tranquilidade” de escolher o que era mais adequado e seguro. Ele, tal como muitos jovens, queria a qualquer preço não ter do que se arrepender e acreditava na possibilidade de receber um conselho que lhe garantisse êxito.

Devemos, primeiramente, lembrar que o papel de um conselheiro, de um modo geral, é pensado como aquele que possui fórmulas prontas para bem conduzir o rumo da existência alheia. Os conselheiros da ciência, da “sabedoria de vida” (SCHOPENHAUER, 1851/1953), os conselheiros dos livros de autoajuda, entre outros, costumam ditar modos-de-ser previamente determinados, por meio dos quais cada homem deve dirigir a sua vida. O conselheiro libertador, por sua vez, possui uma postura diferenciada, devolvendo incessantemente a tutela àquele que pede conselhos, sabendo que não pode dar-lhe uma verdade pronta e acabada para a sua existência.

Kappus, como muitos jovens, buscava uma decisão da qual não viesse a se arrepender e acreditava que este caminho podia lhe ser apontado por alguém mais experiente que ele. Contudo, Rilke a todo o momento, e incessantemente, em uma comunicação indireta, devolve a Kappus o compromisso por sua decisão, reafirmando a impossibilidade de lhe dar a certeza, a garantia que tanto buscava. Podemos observar esse modo de orientar no início da primeira carta: “Quero agradecer-lhe a grande e amável confiança. Pouco mais posso fazer” (RILKE, 1829/1989, p. 21). Ao final desta mesma carta ele diz: “Procurei, por meio desta resposta sincera, feita o melhor que pude, tornar-me um pouco mais digno dela do que realmente sou, em minha qualidade de estranho” (RILKE, 1989, p. 26). Desta forma Rilke relembra a Kappus que, embora seja um poeta reconhecido, em relação ao jovem ele é um completo estranho, só cabendo a ele o ter de cuidar de sua vida. Este fato se repetirá no decorrer das demais cartas, como veremos em seguida.

Kappus, ainda buscando a aprovação de Rilke, lhe encaminha alguns versos e lhe pergunta se os considera bons. Rilke (1829/1989, p. 22) lhe responde: “Pergunta se os seus versos são bons. Pergunta-o a mim, depois de o ter perguntado a outras pessoas [...] Pois bem – usando da licença que me deu de aconselhá-lo – peço-lhe que deixe tudo isso”. Rilke (1989, p. 25) alerta quanto aos perigos de contar com uma resposta vinda de fora e afirma: “Nada poderia perturbar mais do que olhar para fora e aguardar de fora respostas a perguntas

que, talvez, somente seu sentimento mais íntimo possa responder na hora mais silenciosa”. Rilke, mais uma vez, lembra ao rapaz sobre aquilo que não é possível ser mensurado externamente, sobre aquilo que há de mais íntimo, pois não pode ser avaliado pela multidão. Deste modo ele busca mobilizar Kappus a não se perder nos ditos do impessoal e ali ficar, mas buscar aquilo que nasce justamente de seu caráter de indeterminação e, por isso mesmo, não pode ser encontrado a partir de uma verdade pronta e acabada. Rilke diz ao rapaz:

O senhor está olhando para fora, e é justamente o que menos deveria fazer neste momento. Ninguém o pode aconselhar ou ajudar – ninguém. Não há senão um caminho. Procure *entrar em si mesmo*. Investigue o motivo que o manda escrever; examina se estende suas raízes pelos recantos mais profundos de sua alma; confesse a si mesmo: morreria, se lhe fosse vedado a escrever? (RILKE, 1829/1989, p.22, grifo nosso).

Precisamos dizer que em nossa interpretação a expressão “entrar em si mesmo”, utilizada pelo poeta alemão, não deve ser compreendida como algo internalizado, como uma interioridade encapsulada, mas como aquilo que mobiliza o agir, aquilo que é anterior à própria ação, a significância e o em virtude de que, de algum modo, move a existência de Kappus, ou seja, as suas relações de sentido. Deste modo, o poeta coloca o jovem frente a frente com a sua condição de ter que construir a sua escolha a partir dos sentidos que movem o *seu* agir, de *sua* necessidade. O sentido de necessidade, aqui, nasce do caráter originário de indeterminação, ou seja, é porque nada se é que se busca ser, sempre a partir do que se mostra como necessidade em sua existência mesma. Rilke afirma a importância de se encontrar o que é necessário:

Isto, acima de tudo: pergunte a si mesmo na hora mais tranquila de sua noite: “Sou mesmo forçado a escrever?” Escave dentro de si uma resposta profunda. Se for afirmativa, se puder contestar àquela pergunta severa por um forte e simples “sou”, então construa sua vida de acordo com esta necessidade (RILKE, 1829/1989, p.22-23).

Rilke não parte de pressupostos apriorísticos sobre o que considera ser a melhor escolha para Kappus. Ele, ao contrário, vai até onde aquele que solicita auxílio se encontra e, a partir daí, segue acompanhando-o. “Creio, contudo, que o senhor não deixará de encontrar uma solução, ao se agarrar a coisas que se assemelham a si, como as que agora dão repouso aos meus olhos” (RILKE, 1829/1989, 37). Lembra ao rapaz da necessidade de ter paciência para vivenciar as suas dúvidas: “Talvez depois, aos poucos, sem que o perceba, num dia longínquo, consiga viver a reposta” (RILKE, 1989, p. 38). O conselheiro Rilke assume que não tem como dizer uma resposta assegurada para Kappus. Reconhece a incapacidade de possuí-la, mas o acompanha em suas angústias e indecisões frente à indeterminação de seu existir e o mobiliza a buscar em sua solidão a resposta que procura. Sempre se lembrando dos perigos da superfície, das pseudos-respostas que a multidão, o mundo, acredita ter para algo que só compete a ele conhecer e vivenciar. Ele diz:

Não se deixe enganar pela superfície: nas profundidades tudo se torna lei. Aqueles que vivem mal este segredo (é o caso da maioria), perdem-no apenas para si mesmo, pois transmitem-no a outros como uma carta lacrada sem o saberem. Não se deixe iludir pela multiplicidade dos nomes ou pela complicação dos casos. [...] caro senhor, ame a sua solidão e carregue, com queixas harmoniosas, a dor que ela lhe causa (RILKE, 1829/1989, p. 40–41).

Quando Rilke propõe a Kappus um pensar demorado sobre os sentidos que mobilizam o seu agir, despertando-o para não se enganar com a superficialidade, acreditamos que a sua proposta se aproxima do sentido próprio de verdade, discutido por Heidegger (1927/2008) em *Ser e Tempo*. Para Heidegger a verdade se pauta no *em virtude* do próprio que nasce, ou seja, advém da negatividade, da indeterminação. Assim, acreditamos que Rilke, por meio de suas cartas, além de lembrar ao jovem quanto ao cuidado que tem de ser, mobiliza-o a assumir, a partir do seu caráter de indeterminação, os sentidos mesmos nos quais articula o seu existir.

Em um determinado momento, quando o jovem inicia questionamentos a respeito da profissão a escolher, considerando a dúvida entre ser poeta ou ser oficial, Rilke (1829/1989, p. 50) sugere a Kappus que ele deve examinar as outras profissões, a fim de verificar se elas não são, também, repletas de exi-

gências e hostilidades, “como que ensopadas do ódio daqueles que, mudos, resmungando, se tiveram que conformar com o simples dever”. Desta forma, ele coloca em discussão as dificuldades nas quais as relações de trabalho estão inseridas, seja pelas hostilidades, ou mesmo por serem tomadas como simples dever. Ele diz ao jovem que a tensão presente na função de oficial aconteceria em qualquer profissão que ele escolhesse. Acreditamos que, com isso, Rilke está querendo mostrar ao jovem que, para além de tais dificuldades, há uma escolha em voltar à tarefa, em lidar com as suas complicações e adversidades, e esta corresponde à escolha que mobiliza a existência daquele que a vivencia. Desta forma, o poeta tenta mostrar ao jovem que, a escolha pode parecer frágil e infundada, quando tomada pela perspectiva de uma escolha sem dificuldades. Mas ao olhar para o seu modo mesmo de lidar com a escolha feita, pode encontrar as bases mais sólidas que fundam a sua decisão, qual seja, a disposição para retomar, sempre uma vez mais, à tarefa.

O conselheiro mostra que não conhece a verdade e o destino, que não sabe antecipadamente qual seria a melhor escolha, de forma que ele procura abordar o que há de singular em cada escolha, a possibilidade de poder assumir os riscos de suas decisões para que, assim, o jovem encontre seus próprios critérios e possa seguir a sua vida a partir da sua medida, da medida da sua necessidade, a qual se constrói no próprio ato de existir. Esta necessidade não se constitui como algo objetivo, que se pode saber *à priori*, mas é algo que só é possível saber na experiência mesma, na vida mesma.

Com suas palavras, o poeta alemão busca mobilizar Kappus a compreender os sentidos nos quais se articulam a sua existência. Rilke, mesmo em meio a uma cultura em que não há muito espaço para o engano e para o arrependimento não ignora a possibilidade do engano. E, ainda, avisa ao jovem que a vida artística exige outro tempo: “Aí o tempo não serve de medida: um ano nada vale, dez anos não são nada. Ser artista não significa calcular e contar” (RILKE, 1829/1989, p. 32). Deste modo, ele vai conduzindo Kappus a conhecer as condições da profissão na qual se sente mobilizado, informando-o sobre a vida artística, cuja realidade se mostra distinta dos valores pregados pelo mundo moderno, onde a produtividade, a assertividade, o controle, a segurança são tomados como modos de bem conduzir a vida.

O que vemos é que Rilke vai à existência mesma de Kappus, lembrando-lhe do jogo de tensão que consiste a existência humana. Contudo, ele ressalta: “Não temos motivos de desconfiar de nosso mundo, pois ele não nos é hostil. Havendo nele espantos, são os nossos abismos, eles nos pertencem; perigos, devemos pro-

curar amá-los” (RILKE, 1829/1989, p.67). Com isso parece que Rilke encontra-se totalmente afinado com a perspectiva de mundo tal como desenvolvida por Heidegger de *Ser e Tempo*. Este filósofo defende que o mundo, ao mesmo tempo em que pode levar a nos perdermos, também oferece a morada, o apoio, para construirmos aquilo que somos, no jogo de tensão de nossa existência.

Rilke lembra a Kappus que a transformação chega e, neste momento, por vezes, podemos até crer que nada aconteceu, mas ela chega e nos apropriamos de nosso existir. Às vezes, pode parecer que nada aconteceu, em especial, quando restabelecemos o sentido a partir daquilo que já éramos, mas, mesmo assim, agora algo se fez novo, pois não estamos mais perdidos em nós mesmos, mas vivenciando a vida mesma com todas as suas tensões. Por meio da solidão podemos apreender a novidade em nós e, assim, ir ao encontro da vida mesma. Rilke (1829/1989, p. 64) afirma: “há de se reconhecer, aos poucos, que aquilo a que chamamos destino sai de dentro dos homens em vez de entrar neles. Muitas pessoas não percebem o que delas saiu, porque não absorveram o seu destino enquanto o viviam, nem o transformaram em si mesmas”.

Rilke afirma que o destino sai de nós, de nosso modo de ser e lidar com o que nos vem ao encontro. Deste modo, podemos até não nos reconhecermos em nossas ações, atitudes, delegando a responsabilidade a terceiros, desejando nos desonerar de nosso caráter de ter de ser e de poder-ser. Ou ainda, podemos nos perder nas possibilidades, por não assumirmos as medidas na ordem do finito, do temporal ou do universal (o mundo). Contudo, nosso destino nos pertence, uma vez que temos de ser, seja ao modo cuidadoso ou descuidado. Na última carta o poeta Rilke pede a Kappus que ele observe se, no ano seguinte, manteria e confirmaria a sua escolha. Em tal passagem podemos notar outro aspecto discutido no decorrer do presente trabalho, ou seja, o caráter da inexatidão, de indeterminação, do risco, a não garantia, que permeia o processo de escolher.

Considerações finais

O presente estudo teve como objetivo apresentar a AEP, com base nos filósofos da existência Kierkegaard e Heidegger e em diálogo com um texto escrito pelo poeta Rilke. Buscamos apresentar alguns elementos que distinguem este modo de compreensão, ao qual denominamos “Análise da Escolha Profissional”, do processo de orientação vocacional, tal como vem sendo tomada tradicionalmente pela psicologia.

A relação em um processo de AEP estabelece-se, na maior parte das vezes, a partir de uma busca de orientação por parte daquele que se encontra em vias de definir seu destino profissional e acredita que o analista é alguém que pode guiá-lo como para “fora dos problemas que o angustiam” e em direção à coisa certa a fazer. Os textos kierkegaardianos, por nós apresentados, trouxeram a figura de alguns conselheiros, cada um deles “conhecendo”, a partir de referenciais próprios ou universais, os caminhos a serem seguidos a fim de alcançar uma vida feliz. Apenas o último “conselheiro”, representado pela figura bíblica de Jó, convida que se pense outra postura possível nessa relação entre conselheiro e aconselhado. Quando o jovem do texto *A repetição* procurou o amigo mais velho, o conselho que recebeu foi o de uma saída pragmática para uma situação que ele ainda estava aprendendo a conhecer. O que o jovem encontrou, no entanto, na história de Jó, foi a si mesmo em sua necessidade de encontrar uma justificativa para seu existir. De modo semelhante, nas cartas de Rilke, que acompanhamos acima, pudemos ver em detalhes o modo como um conselheiro vai, paulatinamente, abrindo a necessidade de um espaço singular em que o jovem encontre as orientações de sua própria existência.

Da mesma forma que Rilke e Kierkegaard, pretendemos apresentar uma AEP com base nas filosofias da existência, entendendo-a como um espaço em que seja possível o acontecer do instante transformador, aquele instante no qual aquele que se encontra em dúvida sobre que profissão escolher pode ouvir a si mesmo. Isso consiste em manter em tensão tanto as possibilidades universais, que são próprias de seu tempo, quanto as suas possibilidades singulares. E assim, este que quer se orientar pode, mesmo que perdendo a tutela do mundo, escolher em liberdade, ou seja, transformar-se.

O espaço da AEP pode ser pensado como o espaço em que o analista, atendo-se à negatividade e à indeterminação da existência, mantenha a abertura de um espaço contingente onde o analisando possa ver a si mesmo e julgar-se por si mesmo, “guardando” a possibilidade de que ele encontre a medida eterna de sua existência.

Queremos concluir nosso trabalho retomando o sentido em que se funda uma Análise da Escolha Profissional em uma perspectiva Fenomenológico-Existencial. Nessa, ter que escolher é entendido como o nosso destino, assim como a indeterminação originária é nosso fundamento, e é justamente a partir desta abertura originária para as nossas possibilidades mais próprias que o analista profissional busca mobilizar os sentidos mesmos do existir de cada analisando. Como não há como o ser-aí não ser cuidado (*Sorge*) de si, seja de modo cuidado-

so ou descuidado, o analista busca dar voz ao modo como cada analisando projeta o sentido de sua existência. Deste modo, o analisando pode chegar ao final do processo até mesmo sem uma escolha profissional definida, mas em liberdade para assumir a sua decisão. Independente de se encontrar decidido ou indeciso, o analisando pode descobrir que a sua existência sempre lhe pertence, ou seja, que não decidir também é uma decisão, também é um modo de cuidar de si. Sendo assim, o analista deve ter paciência para desfazer os laços da ilusão, promovendo um espaço em que seja possível ao analisando tornar-se transparente para si mesmo sabendo, no entanto, que tal não é possível se fazer sem temor e tremor, como indica Kierkegaard (citado por FEIJOO, 2000). O analista acompanha o analisando em seu modo próprio de cuidar de si, e tenta, usando por vezes uma comunicação indireta, e por outras, a comunicação direta, que o analisando veja a si mesmo, e julgue por si mesmo a existência que é a dele.

Recebido em: 14.12.2014 | Aprovado em: 20.01.2015

Referência Bibliográfica

FEIJOO, Ana Maria L. C. *A existência além do sujeito*. Rio de Janeiro: Viaverita, 2011.

_____. *A escuta e a fala em psicoterapia*. São Paulo: Vetor, 2000.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008.

KIERKEGAARD, Sören Aybe. *O lo uno o lo otro: un fragmento de vida*, v. 1. Tradução Begonya Saez y Darío González. Madrid: Editorial Trotta, 2006.

_____. *O lo uno o lo otro: un fragmento de vida*, v. 2. Tradução Begonya Saez y Darío González. Madrid: Editorial Trotta, 2007.

_____. *A repetição*. Tradução José Miranda Justo. Lisboa: Relógio D'Água, 2009.

RILKE, Rainer Maria. *Cartas a um Jovem Poeta*. Tradução Paulo Rónai e Ceília Meireles. 16ª ed. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a sabedoria na vida*. Tradução Genésio de Almeida Moura. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1953.